

FATORES DE RISCO ASSOCIADOS À CRIPTORQUIDIA: UMA ANÁLISE REGIONAL NO BRASIL NOS ÚLTIMOS 10 ANOS

ODS 3

Daniela Santos Liu (Universidade de Taubaté)
Francisco José Germano Hennemann (Universidade de Taubaté)
Jaqueline Rizzato (Universidade de Taubaté)
Marina de Oliveira César (Universidade de Taubaté)
Michelle Fortes Deseta (Universidade de Taubaté)
Nicolle Maria Lara Rodrigues (Universidade de Taubaté)
Gustavo Notari de Moraes (Universidade de Taubaté)

A criptorquidia é uma das anomalias congênitas mais comuns do trato geniturinário masculino, definida pela falha da migração do testículo para a bolsa escrotal durante o desenvolvimento fetal. Essa condição tem importância clínica por estar associada a infertilidade, risco aumentado de torção testicular e predisposição a neoplasias de células germinativas. Sua etiologia é multifatorial, envolvendo fatores genéticos, hormonais, ambientais e maternos, como prematuridade, baixo peso ao nascer, tabagismo parental, exposição a agrotóxicos e, no Brasil, a infecção pelo vírus Zika. No entanto, a literatura nacional ainda carece de estudos integrativos que analisem de forma comparativa esses fatores em diferentes regiões, considerando a diversidade socioeconômica, ambiental e de acesso à saúde. Este trabalho teve como objetivo revisar a literatura científica publicada nos últimos dez anos, identificando fatores de risco associados à criptorquidia e sua distribuição regional no Brasil. Para isso, foi realizada revisão bibliográfica integrativa nas bases PubMed, SciELO e LILACS, com artigos publicados entre 2015 e 2025, em português ou inglês, disponíveis na íntegra. Foram incluídos estudos originais que abordassem fatores de risco para a condição em populações brasileiras, excluindo-se aqueles sem dados nacionais ou fora do recorte temporal. Após triagem de 68 artigos na PubMed, 79 no SciELO e 28 no LILACS, apenas cinco preencheram os critérios, totalizando 5.729 pacientes em estudos observacionais, transversais e de coorte. Os fatores de risco mais associados foram tabagismo materno e paterno, exposição a pesticidas, prematuridade, infecção pelo Zika vírus e alterações anatômicas, como apêndices paratesticulares. Destaca-se a prevalência significativa em neonatos com microcefalia relacionada ao Zika, sugerindo possível ligação entre alterações neurológicas e falha na descida testicular. Em crianças com síndrome de Down, observou-se prevalência de 27,5% de criptorquidia, com risco até cinco vezes maior em filhos de mães fumantes. Em regiões agrícolas, a associação com agrotóxicos foi atribuída ao potencial disruptor endócrino dessas substâncias. Outro achado relevante foi o atraso no diagnóstico e tratamento, com tempo médio de encaminhamento superior a 47 meses e mais da metade das orquidopexias realizadas após os cinco anos, em desacordo com diretrizes que recomendam correção até os 18 a 24 meses, comprometendo prognóstico reprodutivo e aumentando o risco de neoplasias. Conclui-se que a criptorquidia no Brasil apresenta etiologia multifatorial, relacionada a

fatores clínicos, ambientais e sociais, exigindo estratégias de prevenção, diagnóstico precoce e intervenção oportuna. A síntese das evidências reforça a necessidade de políticas públicas que abordem fatores evitáveis, como o tabagismo e a exposição a agrotóxicos, além de ações educativas e capacitação dos profissionais da atenção primária para identificação precoce, intervenção adequada e redução das complicações a longo prazo.

Palavras-chave: Criptorquidia; Brasil; Fatores de risco; Epidemiologia.